

## INDÚSTRIA

# Indústria reage, mas não empolga

**Chico Santos**, para *Conjuntura Econômica*, do Rio de Janeiro

Não é segredo para nenhum brasileiro, por menos informado que seja, a avassaladora invasão de produtos industriais de origem asiática, especialmente chinesa, às prateleiras do comércio do país nas duas últimas décadas, nas mais variadas especialidades. É muito provável que nas festas de aniversário das crianças brasileiras, todos os produtos utilizados para montar a infraestrutura sejam de fabricação chinesa. Ainda assim, o Brasil segue sendo uma das dez principais economias industriais do mundo, fabricando de caixas de fósforos a aviões.

Essa condição, conquistada com marchas e contramarchas a partir de meados do século passado, por si só justifica a esperança com que foram recebidos os dados do IBGE relativos à produção industrial nos primeiros meses deste ano, especialmente em abril e maio, os dois últimos resultados conhecidos até o fechamento desta edição. Na comparação mês a mês, abril e maio acumularam crescimento de 1,9%, anulando com sobras a queda de 1,6% registrada em março na comparação com fevereiro. Mas o clima geral ainda é de reticências quanto ao fôlego dessa recuperação conjuntural e de pessimismo

quanto a uma recuperação estrutural mais profunda.

Maio, marcado pelo forte re-  
crudescimento da crise política do país com a revelação, no dia 17, de detalhes da delação premiada do empresário Joesley Batista ao Ministério Público Federal (MPF), surpreendeu a maioria dos economistas com crescimento de 0,8% sobre abril e de 4% sobre maio de 2016, o maior crescimento nesta forma de comparação desde fevereiro de 2014 (4,8%). Mas, conforme ressalta André Macedo, gerente da Coordenação de Indústria do IBGE, é na série histórica dos números acumulados ao longo de 12 meses que se encontra a certeza de que há uma evidente inversão da curva de desempenho da atividade industrial no Brasil.

A série mês a mês com o resultado acumulado em 12 meses entrou no negativo (-0,5%) em junho de 2014 e não mais retornou ao sinal positivo, pelo menos até maio deste ano,





tendo atingido o ponto mais fundo nesse mergulho em junho de 2016, com queda de 9,7%. A partir de julho do ano passado as estatísticas de 12 meses começaram a suavizar como se o hipotético mergulhador tivesse iniciado o retorno à superfície ainda não alcançada. Em dezembro de 2016 a cota estava em -6,5% e em maio último chegou a -2,4%, permitindo vislumbrar a luz do sol.

“A série de 12 meses é o melhor indicador de tendência. É evidente que há uma melhora, com dez atividades no positivo, algo que não se via desde junho de 2014”, ressalta Macedo, destacando que, na ponta, houve espalhamento do sinal de crescimento tanto em abril quanto em maio, tendo neste sido registrado crescimento em 18 dos 26 ramos industriais que fazem parte da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE.

O técnico do órgão estatístico oficial do país destacou que o comportamento regional da indústria alimenta também esperanças de uma retomada do crescimento. Em maio, apesar do indicador negativo

“A série de 12 meses é o melhor indicador de tendência. É evidente que há uma melhora, com dez atividades no positivo”

André Macedo – IBGE

de 2,4% no âmbito nacional, quatro regiões/estados – Rio de Janeiro, Pará, Paraná e Santa Catarina – das 15 pesquisadas apresentaram resultados positivos no acumulado de 12 meses, algo que não acontecia desde janeiro de 2015. E em 12 das 15 regiões/estados o número de 12 meses em maio foi melhor do que o dos 12 meses encerrados em abril.

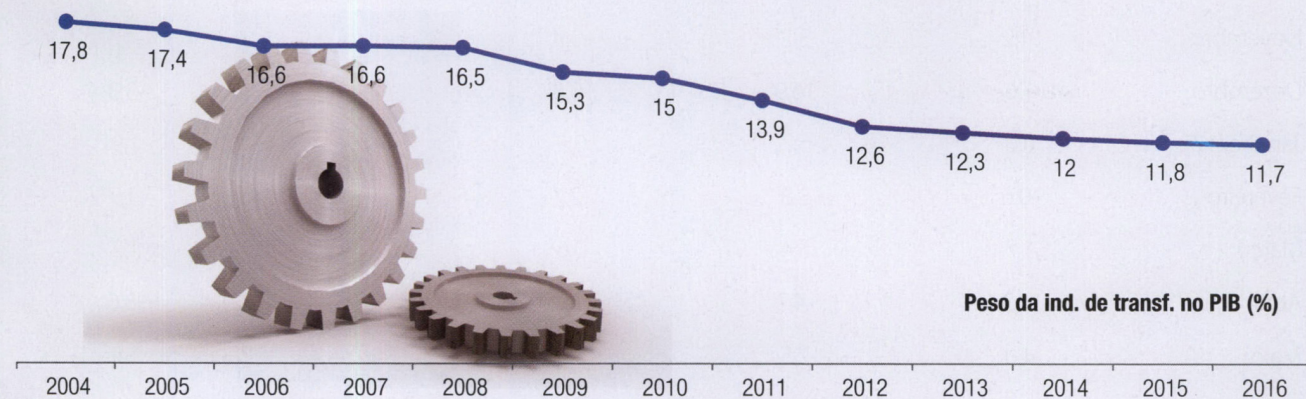
“O pequeno ganho de crescimento em alguns locais já traz uma

sensação melhor do que no passado recente”, disse Macedo, mas ressaltando que “o espalhamento regional e setorial ainda não permite detectar uma trajetória consistente”. O analista chama a atenção para números que, no seu entendimento, justificam de sobra toda essa cautela: o ganho acumulado de 1,9% em abril e maio na série com ajuste sazonal ainda está 18,5% abaixo do pico alcançado em junho de 2013, embora em outubro do ano passado essa diferença fosse superior a 20%. Outro alerta: em termos de patamar de produção, a indústria estava em maio no mesmo nível de fevereiro de 2009, em plena crise provocada pela bolha imobiliária norte-americana.

O crescimento de 0,5% acumulado nos cinco primeiros meses deste ano apontava para um primeiro semestre positivo na indústria, salvo alguma hecatombe. Os primeiros dados de junho mostravam que a produção de veículos sofreu uma freada de 15,4% em relação a maio, refletindo acúmulo de estoques e, como ressaltou o presidente da As-

### Indústria de transformação perde quase um terço do peso

Participação do setor fabril no PIB cai de 17,8% para 11,7% em 12 anos – evolução ano a ano (%) – 2004 a 2016



Fonte: IBGE.



## CONJUNTURA INDÚSTRIA

sociação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Antonio Megale, pelo efeito de um dia a menos de trabalho que, sozinho, representa perda de 5,5% na produção mensal. Na comparação com junho de 2016, houve crescimento de 15,1%.

A dificuldade constatada por Macedo, e pela maioria dos analistas ouvidos para esta reportagem, para definir uma tendência positiva pode ser medida pelos números setoriais dos cinco primeiros meses do ano. Somente a indústria extrativa mineral, com aumento de 0,78% associado principalmente à produção de minério de ferro, e, no âmbito da indústria de transformação, a já destacada produção de veículos automotores, com

0,92%, tiveram desempenho acima da média no período.

Apesar de resultados animadores, como 0,34% nos equipamentos de informática, 0,24% na metalurgia, esta impulsionada pela entrada em produção de uma nova siderúrgica, a de Pecém, no Ceará, e 0,11% em máquinas e equipamentos (0,38% se considerado apenas maio sobre maio), o conjunto dos 13 ramos com números positivos no acumulado do ano não permite dizer que são eles que irão liderar uma recuperação mais perene, dada a pouca consistência do gráfico de desempenho. “Precisamos esperar mais números”, avalia Macedo.

O técnico do IBGE alerta para o quadro de incertezas ainda muito

presente no cotidiano do país, afetando as decisões de consumo e de investimentos. “As decisões de consumo das famílias e de investimentos dos empresários dependem fundamentalmente da confiança”, ressaltou.

**Base deprimida**

O mesmo acontece quando a observação é feita pela rota das categorias de uso, conforme mostra o economista Julio Mereb, pesquisador do Boletim Macro IBRE, da FGV, especializado no setor industrial. “Os dados da indústria no segundo trimestre surpreenderam de maneira positiva, especialmente em maio”, disse, destacando que esse desempenho favorável ganhou espalhamento

**Produção de duráveis cresce desde novembro de 2016**

Produção mensal sobre o mesmo mês do ano anterior por categorias de uso – maio/2016 a maio/2017 (variação %)

	Indústria geral	Bens de capital	Bens intermediários	Bens duráveis	Semiduráveis e não duráveis
Maio/16	-7,3	-9,9	-7,7	-18,4	-1,6
Junho	-5,3	-1,5	-7	-7,2	-1,3
Julho	-6,2	-11,1	-4,5	-16,2	6,1
Agosto	-4,8	5,4	-6,4	-11	-1,8
Setembro	-4,1	-4,3	-3,6	-7,5	-4,1
Outubro	-7,3	-8,5	-7,1	-8,2	-7,2
Novembro	-1,2	3,2	-0,9	<b>7,1</b>	-4,6
Dezembro	1,6	16,9	-0,8	<b>5,5</b>	-3,3
Janeiro/17	0,0	5,7	0,9	<b>4,4</b>	1,9
Fevereiro	-0,6	3,8	-2,7	<b>20,4</b>	-1,7
Março	1,7	5,4	0,6	<b>9,3</b>	1,2
Abril	-4,3	-4,7	-3,3	<b>0,8</b>	-8,6
Maio	4,0	7,5	2,9	<b>20,6</b>	1,4

Fonte: IBGE.



entre as categorias, com destaque para os bens de consumo duráveis.

Quando se observa a série comparativa com o mesmo mês do ano anterior, os bens duráveis estão com sinal positivo, ainda que oscilante, desde novembro de 2016, tendo crescido 20,6% em maio, ante apenas 0,8% no mês anterior. Neste caso, Mereb chama especialmente a atenção para a base de comparação muito deprimida, favorecendo a resultados positivos, uma vez que de setembro de 2015 a maio de 2016 a “melhor” *performance* dos bens de consumo duráveis em relação ao mesmo mês do ano anterior foi -18,4% em maio de 2016.

Mas é fato que todas as categorias de uso entraram no azul em maio nessa forma de comparação, com 2,9% para os bens intermediários, 7,5% para os bens de capital e 1,4% para os bens de consumo semiduráveis e não duráveis. Como a prévia do Boletim Macro para junho não apresentava, até meados de julho, “nada de trágico”, nas palavras do economista, apesar da queda na produção de veículos em relação a maio, Mereb avalia que a tendência, inclusive para este trimestre, seria da continuidade de uma recuperação gradual da indústria, sem nenhum resultado espetacular.

Quando se vai para o terreno das prospecções, o efeito das incertezas segue pesando de forma significativa nas análises. A coordenadora da Sondagem da Indústria da FGV/IBRE, Tabi Thuler Santos, ressalta antes de mais nada que, paralelamente a um passado recente marcado pela volatilidade dos números conhecidos, apesar do que ela considera relativa surpresa positiva de maio, o futuro

## Em 12 meses, trajetória ascendente, ainda negativa

Variação (%) em 12 meses da indústria em relação aos 12 meses anteriores

Indústria geral	Indústria extrativa mineral	Indústria de transformação
-9,7	-7,8	-10
-9,5	-8,9	-9,6
-9,2	-10,2	-9,1
-8,6	-11,2	-8,3
-8,3	-11,9	-7,7
-7,4	-10,8	-6,8
-6,5	-9,4	-6
-5,5	-7,3	-5
-4,7	-6,1	-4,4
-3,6	-4,3	-3,4
-3,4	-2,7	-3,5
-2,4	-1,4	-2,6



Fonte: IBGE.

mantém o suspense, especialmente em decorrência da incerteza política desencadeada pelo “caso JBS” que se desencadeou no dia 17 daquele mês, quando o quadro produtivo “já estava contratado”.

Segundo a análise da economista, o que está em jogo é o prazo de duração do ambiente de incerteza e seus impactos sobre os agentes econômicos. Por exemplo, o desempenho muito comemorado dos bens de capital em maio em termos de produção física, no terreno das sondagens, que antecipa em um mês a medição do IBGE, o desempenho da categoria que mede o apetite por investimentos não foi tão bom. “Em maio e junho a sondagem apresentou queda nos bens de capital. Como ela antecipa em um mês a produção física, é possí-

vel que os números de junho e de julho venham piores do que os de maio”, analisou.

De acordo com Tabi, um dos principais indícios de que a confiança dos empresários da indústria segue muito instável é a formação de estoques excessivos, cujo efeito prático é a derrubada da produção no período seguinte. “A indústria não está conseguindo prever as vendas e por isso aumenta seus estoques e em seguida reduz a produção”, explicou, destacando que no conjunto das categorias de uso o melhor nível de confiança está com os bens intermediários, especialmente no segmento da celulose, um ramo que é, basicamente, atrelado a exportações.

A preocupação da economista com a crise política é justificada pelos fatos. Tabi explicou que, em



## CONJUNTURA INDÚSTRIA

decorrência do agravamento do ambiente ocorrido em maio, foram colocadas duas questões especiais nas sondagens da FGV/IBRE para todos os setores: se o agravamento da crise deveria ter impacto nas contratações de pessoal e nos investimentos produtivos.

No geral, 40% responderam que as contratações seriam afetadas e 44% disseram que o novo ambiente deveria afetar as decisões de investimentos. Para a indústria, o atenuante é que as respostas ruins ficaram abaixo da média, ainda que em patamares muito elevados. Para 35% dos empresários industriais, o recrudescimento da crise afetaria seus investimentos produtivos no futuro

próximo, enquanto 28% responderam que as contratações de pessoal seriam prejudicadas.

Para o economista Carlos Frederico Leão Rocha, professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o dado concreto no curto prazo é que a produção industrial parou de cair. Segue com o sinal negativo, mas cada vez menos negativo. Rocha avalia que, no âmbito conjuntural, o setor seguirá muito dependente do nível de atividade econômica doméstico, uma vez que, no seu entendimento, “é difícil crer que uma recuperação industrial venha a ser puxada pelas exportações”.

“Não somos muito competitivos. Teria que haver [para aumentar essa competitividade no curto prazo] um forte aumento da produtividade e redução de custos, fatos pouco prováveis que venham a acontecer”, analisou. Na avaliação do professor da UFRJ, que tem a economia industrial entre suas especialidades, o histórico da indústria brasileira tem sido seguir a reboque da atividade econômica como um todo e não o de liderá-la.

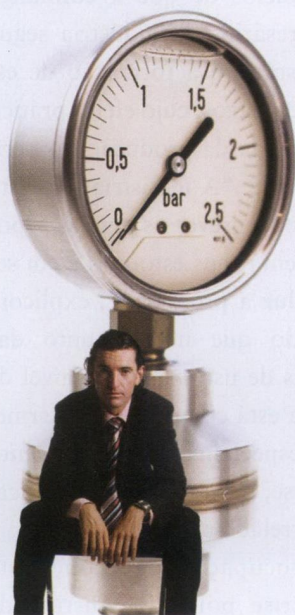
Como a economia parou de cair, Rocha avalia que o cenário industrial, neste momento, é de estagnação. Ao contrário do que pensam os economistas ortodoxos, o economista da UFRJ, vinculado à corrente desenvolvimentista, entende que na raiz da recessão de quase 8% que se abateu sobre a economia brasileira em 2015 e 2016 está o ajuste fiscal que a equipe do governo entende ser o principal caminho para a recuperação de longo prazo. “O desastre dos últimos dois anos veio do corte do orçamento, ao contrário do que pensa o senso comum”, disse.

Neste cenário, no qual “nenhum componente da demanda agregada está crescendo ferozmente”, Rocha enxerga um quadro econômico de estagnação para os próximos trimestres, com a indústria crescendo entre 0,5% e 1% este ano. “A não ser que o Meirelles [Henrique, ministro da Fazenda] resolva cortar ainda mais”, ponderou, entendendo que o aprofundamento do ajuste fiscal traria condições ainda piores para a economia e, conseqüentemente, para a indústria.

Outro economista da corrente desenvolvimentista que não vê nada

### Em maio, só quatro regiões positivas na comparação de 12 meses

Produção industrial regional nos 12 meses encerrados em maio contra igual período anterior (variação %)



Fonte: IBGE.

Estado/região	Variação (%)
Amazonas	-2,6
<b>Pará</b>	<b>5,5</b>
Nordeste	-2,2
Ceará	-2,0
Pernambuco	-0,9
Bahia	-8,2
Minas Gerais	-1,7
Espírito Santo	-9,3
<b>Rio de Janeiro</b>	<b>1,7</b>
São Paulo	-1,7
<b>Paraná</b>	<b>0,3</b>
<b>Santa Catarina</b>	<b>1,3</b>
Rio Grande do Sul	-0,6
Mato Grosso	-4,9
Goiás	-2,5
Brasil	-2,4



digno de grandes comemorações na recuperação industrial é Fernando Sarti, professor do Instituto de Economia da **Universidade de Campinas (Unicamp)**, pesquisador do Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (Neit) da instituição. “Nós caímos tanto que, de alguma forma, teríamos que acabar encontrando o fundo do poço, mas esse fato nem de longe nos coloca no patamar pré-crise”, disse, corroborando dados apresentados acima.

Para Sarti, um fato positivo a ser observado é a sensação que vai se espalhando de que o cenário econômico está conseguindo “descolar um pouco do caos político” e alguns segmentos industriais começam a “refletir um pouco alguma melhora no consumo”. O professor da **Unicamp** ressalta que a recuperação da categoria dos bens semiduráveis e não duráveis, alimentada em grande parte pelo desempenho da agropecuária que se reflete na indústria de alimentos, é um aspecto importante a ser considerado, dado o seu peso na geração de empregos, embora não tenha a mesma importância em termos de geração de valor agregado.

Entre os bens duráveis, descontado o efeito estatístico da debacle sofrida pela categoria durante o auge da crise, Sarti considera que é algo a ser também visto com bons olhos, especialmente pela “capacidade de arrasto” sobre os demais segmentos que possui o setor automobilístico cuja curva de desempenho, segundo ele, é similar à do Produto Interno Bruto (PIB).

Na raiz dessa reação dos duráveis, o economista enxerga algum efeito da queda dos juros, estimu-

“A indústria não está conseguindo prever as vendas, e por isso aumenta seus estoques e em seguida reduz a produção”

Tabi Santos – FGV/IBRE

lando a melhoria do crédito em geral, e a ajuda das exportações, estimuladas por um câmbio ainda favorável e pela progressiva retomada da normalidade da economia mundial, apesar de características próprias – impacto do gás de xisto

norte-americano – manterem o setor de petróleo “em uma via própria”. Ainda no campo internacional, Sarti ressalta o papel da China, cujo ritmo de crescimento econômico não sofreu o abalo que era esperado pela maioria dos analistas.

O que preocupa de forma mais aguda o especialista da **Unicamp** é o desempenho dos investimentos, cujo comportamento influencia diretamente a indústria de bens de capital e também a de bens intermediários, como o setor siderúrgico. Neste terreno, Sarti vê a recuperação como muito tímida e também atrela uma retomada mais consistente a uma reversão das expectativas que viria somente após a “nuvem política” passar. “Por enquanto, a retomada da indústria é lenta e gradual”, ponderou.

O economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Guilherme



Bom desempenho do agronegócio refletiu-se na demanda por bens de capital



## CONJUNTURA INDÚSTRIA

Mercês, é outro a pedir “cuidado” com os números positivos recentes do setor de bens de capital, principal indicador dos investimentos. Na sua avaliação, o desempenho positivo apresentado pelo segmento na primeira parte deste ano está intimamente ligado ao desempenho do agronegócio, cuja safra recorde exigiu renovação e ampliação do parque de máquinas dos agricultores. Mercês ainda não vê um espalhamento que justifique uma esperança em uma retomada mais ampla do investimento.

“Nos próximos meses haverá aumento da produção industrial sim, mas não será acompanhado por mais investimentos e empregos”, lamentou. Mercês disse que antes de comprar mais máquinas e contratar mais operários a indústria vai passar por um período de retomada da utilização dos equipamentos ociosos e pela volta dos turnos de trabalho que foram suprimidos no auge da crise. Ele cita como exemplo o caso

“Não somos muito competitivos. Teria que haver um forte aumento da produtividade e redução de custos”

Carlos Frederico Rocha – UFRJ

da Nissan, instalada em Resende (RJ), que em julho retomou o terceiro turno de trabalho.

Há setores industriais, como a siderurgia, por exemplo, com cerca de 40% de ociosidade. Para a indústria como um todo, em junho, o nível de utilização da capacidade instalada da indústria (Nuci), me-

dido pela Sondagem Industrial da FGV/IBRE, apresentou queda de 0,5 ponto percentual, para 74,2%, o pior resultado desde dezembro de 2016 quando havia chegado ao fundo do poço.

Para o diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), José Ronaldo de Castro Souza Júnior, ainda que a recuperação da atividade industrial ainda seja tímida e o nível de ociosidade grande, “há sempre algum investimento para recuperar máquinas que estavam paradas e vão voltar a operar”. Mas o economista reconhece que investimento em planta nova, em ampliação de capacidade, terá que esperar por uma redução substancial do nível de ociosidade.

Em maio o Ipea detectou um ligeiro crescimento, de 0,1%, do consumo aparente de produtos industriais no Brasil, computada a produção doméstica mais as importações menos as exportações. Na comparação

## Em 12 meses, aparecem sinais de continuidade em vários ramos, mas analistas acham que falta série mais longa

Evolução mensal do desempenho de setores escolhidos no acumulado de 12 meses em relação ao período imediatamente anterior (variação % janeiro a maio de 2017)

	jan/17	Fevereiro	Março	Abril	Maio
Indústria de alimentos	1,4	1	0,9	-1,5	-1,9
Indústria têxtil	-2,2	-1	1,3	2,2	3,6
Produtos de madeira	2,7	2,5	2,4	1,8	2,3
Metalurgia	-4,8	-3,9	-2,2	-0,2	1,2
Produtos de informática, eletrônicos e ópticos	-8,9	-4,9	0	3,3	7,5
Máquinas e equipamentos	-9,9	-6,7	-5,1	-4,3	-2,9
Veículos automotores	-9,1	-5,4	-1,8	0,4	4,4

Fonte: IBGE.



com maio de 2016 houve aumento de 2,2% e nos 12 meses encerrados em maio o indicador mostrou pela 12ª vez consecutiva redução no ritmo de queda, passando de -4,2% em abril para -3,1% em maio.

Como a PIM-PF, do IBGE, registrou resultado negativo menor (-2,4%), o economista Leonardo Mello de Carvalho, analista de Indústria do próprio Ipea, conclui que está havendo um escoamento líquido da produção doméstica para o setor externo. Segundo Souza, o Ipea prevê para este ano um crescimento de 0,3% da indústria (versão Contas Nacionais, que inclui construção e os chamados serviços industriais de utilidade pública) e de 2,5% em 2018.

### Recuperação difícil

Se no terreno conjuntural o que se discute é qual a intensidade da recuperação da indústria já em curso, embora insuficiente, quando se fala em uma recuperação do peso da indústria, especialmente da indústria de transformação, na economia brasileira como um todo, os analistas veem poucas ou nenhuma perspectiva de que isso venha a acontecer em um horizonte previsível.

De acordo com o IBGE, o peso da indústria de transformação no PIB brasileiro caiu de 17,8% em 2004 para 11,7% em 2016, uma redução de 34,3%. De acordo com levantamento feito pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), pela metodologia da época a indústria de transformação brasileira representava 35,9% do PIB em 1985, número que, convertido para a metodologia atual uti-

lizada pelo IBGE seria de 21,6%, ou seja, 84,6% maior do que foi no ano passado.

“Não acho que a indústria venha a recuperar seu peso”, disse Mereb, da FGV/IBRE. Para ele, “o Brasil fez uma transição para uma economia de serviços, mas com uma produtividade muito baixa e este é o maior problema do país”. Mereb vê o custo de mão de obra brasileiro muito elevado, a produtividade baixa, o custo tributário alto e a infraestrutura precária, tudo isso, que constitui o famoso “custo Brasil”, travando uma retomada estrutural do papel da indústria na economia e, mais ainda, tornando cada vez mais distante o objetivo de ver o país transitar para uma economia desenvolvida. A Reforma Trabalhista deverá trazer ganhos no longo prazo, “mas

não a ponto de fazer a indústria retomar um protagonismo”.

Mercês, da Firjan, avalia que não seja impossível a indústria de transformação brasileira voltar a crescer como proporção do PIB, desde que a macroeconomia do país esteja em equilíbrio e sejam atacados os três pontos que, na sua opinião, respondem por 80% dos custos industriais do país: a legislação trabalhista, cuja revisão já foi encaminhada com a aprovação da Reforma Trabalhista no mês passado (julho), os custos tributários e a infraestrutura.

O economista-chefe da Firjan disse, baseado em levantamento feito pela entidade no ano passado, que a carga tributária da indústria brasileira é de 47%, contra 22% dos serviços e 6% do setor agropecuário. Para Mercês, esse peso tributário sobre o setor reduz sua

Pará: um dos quatro estados em que a indústria apresentou resultado positivo no acumulado de 12 meses





## CONJUNTURA INDÚSTRIA

capacidade competitiva e precisa ser rediscutido com urgência. “A reforma tributária precisa entrar em pauta agora no segundo semestre”, reclamou, acrescentando que a retomada dos investimentos em infraestrutura é outra agenda fundamental para a recuperação estrutural da indústria e que ela não precisa ser viabilizada.

Souza, do Ipea, pondera que, antes de mais nada, a definição do que é indústria mudou enormemente nas últimas duas décadas, provocando uma redução natural do tamanho do setor como proporção do PIB não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro, especialmente nas economias mais sofisticadas. Como exemplo, ele cita o caso da norte-americana Apple que distribui a fabricação propriamente dita dos seus dispositivos para outros países, especialmente a China, e concentra seus esforços nos Estados Unidos, onde tem sua sede, na pesquisa e desenvolvimento de produtos, atividades mais próximas do conceito de serviço.

“Nos próximos meses  
haverá aumento da  
produção industrial  
sim, mas não será  
acompanhado por mais  
investimentos e empregos”

Guilherme Mercês – Firjan

Ressalvada essa alteração no quadro geral, o economista ressalta que a indústria de transformação brasileira já vinha encolhendo antes da crise atual e destaca como um dos fatores responsáveis por essa redução de papel a falta de competitividade, no seu entendimento, produto de uma economia fechada que “nunca priorizou as exportações e sempre

foi reticente com os importados”. Para Souza, “a indústria brasileira foi montada para funcionar com protecionismo elevado”.

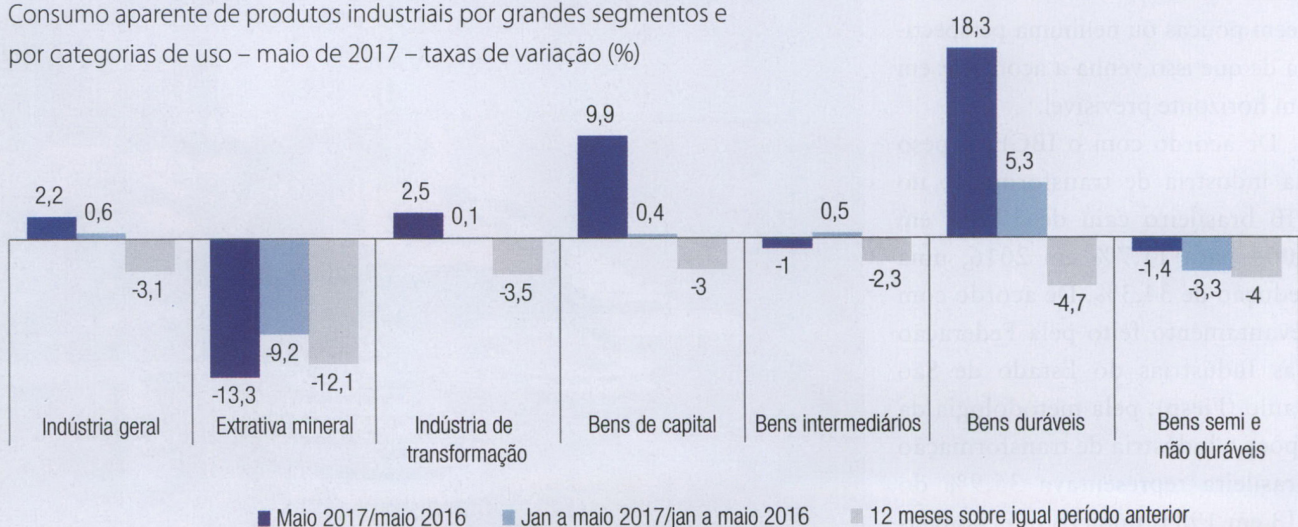
“A falta de competitividade teria que ser enfrentada reduzindo alguns setores não competitivos, só que com a crise fica difícil mexer nesse problema”, reconhece. Souza também admite que o momento atual da economia brasileira não recomenda “sair abrindo”, mas avalia que, arremado o quadro macroeconômico para viabilizar a retomada do crescimento, esses problemas terão que ser atacados.

Embora com orientação conceitual diferente, Rocha, professor da UFRJ, também não tem uma visão otimista quanto ao futuro da indústria brasileira no longo prazo. O pessimismo começa pela observação de que o avanço da automação tende a restringir cada vez mais o emprego industrial, um problema não apenas brasileiro, mas mundial.

Em relação ao Brasil, o economista atribui parte dos problemas à

## Em 12 meses, consumo aparente ainda é negativo

Consumo aparente de produtos industriais por grandes segmentos e por categorias de uso – maio de 2017 – taxas de variação (%)



Fonte: Ipea.



abertura mal planejada do início dos anos 1990, cujos impactos positivos sobre a produtividade ocorreram mais pela queda do nível de emprego do que pelo aumento da produção. Quando se buscou uma retomada a partir do ano 2000, com estabilização do emprego e aumento da produção, constatou-se que a indústria do país perdera capacitação.

“Eu acompanhei de perto o problema na indústria do petróleo. Houve perda de capacitação em engenharia e a retomada do crescimento do setor com conteúdo local ficou muito difícil.” Segundo o professor da UFRJ, não havia no país engenheiros com mais de dez anos de experiência e as empresas tiveram que partir para a contratação de aposentados. Rocha associa toda essa problemática ao histórico brasileiro de ser pouco desenvolvido em inovação de mercado.

“Andamos a passos largos em ciência e tecnologia, mas em pesquisa e desenvolvimento (P&D) os passos foram muito curtos”, lamenta. O avanço em ciência e tecnologia pode ser medido pelo grande número de publicações e citações de pesquisa-

“O Brasil fez uma transição para uma economia de serviços, mas com uma produtividade muito baixa e este é o maior problema do país”

Julio Mereb – FGV/IBRE

dores brasileiros no exterior e a falta de avanço correspondente em P&D fica evidente no baixíssimo número de patentes e licenças registradas nos grandes centros internacionais.

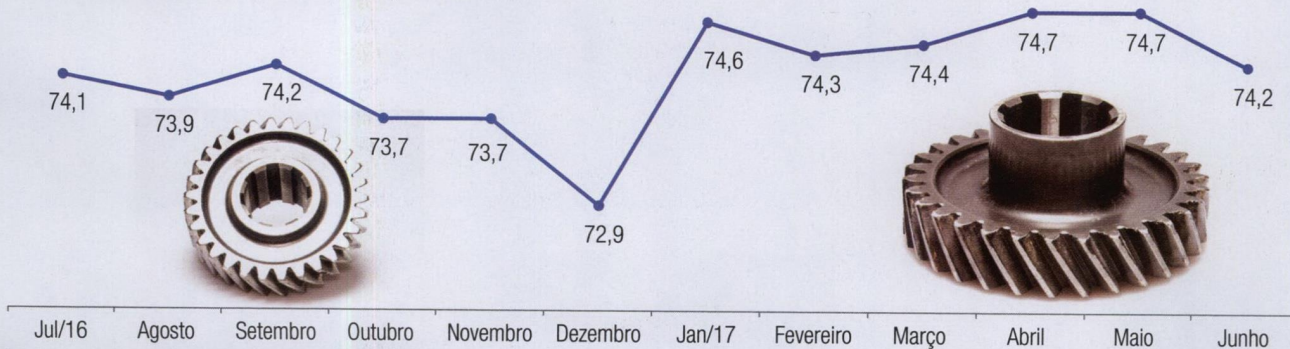
Para Sarti, da **Unicamp**, a questão estrutural da indústria brasileira é muito mais preocupante do que a conjuntural. Ressaltando que o país ainda é uma das dez maiores economias industriais do mundo e que essa condição de possuir uma indústria grande e diversificada é

privilegio de poucos, cerca de 25 países no mundo, o economista lamenta que o Brasil tenha ficado para trás na chamada terceira revolução industrial e que não esteja havendo nenhuma preocupação em inserir o país nessa agenda que inclui a indústria 4.0, a internet das coisas, o desenvolvimento maciço de energias renováveis entre outros avanços que estão ocorrendo a passos largos no mundo.

O professor da **Unicamp** vê cada vez mais o Brasil caminhando para ser apenas um consumidor dessas inovações em curso. “Não vejo o país preparado para essa nova onda de inovações e não vejo também uma agenda de longo prazo”, disse. O resultado, segundo a avaliação de Sarti, é que o Brasil está cada vez mais concentrado na indústria tradicional e produzindo cada vez mais bens industriais ociosos, com todo o recheio vindo de fora. “Estamos perdendo produtividade porque não agregamos valor”, resume e conclui perguntando: “Qual o país populoso que deu o salto para o desenvolvimento sem contar com uma indústria forte?”. ▣

## Nuci cai em junho após três meses sem retroceder

Nível de utilização da capacidade instalada (% de frequência relativa de opções de respostas) da indústria mês a mês (julho 2016 a junho 2017)



Fonte: FGV/IBRE (Sondagem da Indústria).